

Resenha

A REVOLUÇÃO DE 68 NA PERSPECTIVA DOS FILHOS DOS REVOLUCIONÁRIOS

Resenha de LINHART, Virginie¹. *Le jour où mon père s'est tu*. Paris: Seuil, 2008.

Marcelo Amorim Checchia

Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano – SP e da EPFCL – Brasil, doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. E-mail: checchia@gmail.com

Quando jovem, bem no início da adolescência, Virginie estava num tranquilo e tradicional almoço familiar dominical num ensolarado dia de verão. De repente, o almoço foi interrompido por um alvoroço entre os familiares mais velhos sem que ninguém dissesse nada aos mais jovens: “*não disseram nada, não deixaram aparecer nada, fizeram como se não houvesse nada: foi isso que foi imposto a nós, as crianças*”, escreveu a autora do livro. O não dito imperou, dando ao evento um valor ainda mais enigmático. Somente um

ano depois é que ela veio a descobrir que seu próprio pai, Robert Linhart, tentara o suicídio. Após falhar nessa tentativa, ele caiu num estado de silêncio que perdurou por mais de 20 anos. Não que ele não dissesse mais nada, como se estivesse mudo, impossibilitado de falar. Falava, mas quase nada. Fato este que também ganhou um caráter enigmático e traumático para a filha: “*um pai não desaparece assim do dia para a noite da vida de seus filhos sem que palavras sejam pronunciadas, que explicações sejam dadas*” (p. 10). Mais de vinte anos depois, Virginie decidiu, então, escrever um livro sobre o assunto. *Le jour où mon père s'est tu* [O dia em que meu pai se calou] origina-se, assim, de uma tentativa de circunscrição desse encontro faltoso com o Real do silêncio paterno.

No melhor estilo *A culpa é do Fidel* – filme, aliás, citado pela autora –, Virginie acreditava que o silêncio do pai era resultado dos acontecimentos relativos à Revolução de Maio de 68. Ela sabia que seu pai foi um dos grandes nomes do movimento estudantil na revolução e que, no auge do movimento, Robert Linhart caiu num surto psicótico e foi rapidamente afastado pelos demais líderes revolucionários. Seguiram-se, então, muitos anos de depressão – embora nestes mesmos anos ele tenha escrito obras muito importantes como *L'Établis* (1978) e *Le sucre et la faim* (1980), este último sobre as condições dos trabalhadores nas lavouras de cana-de-açúcar do Nordeste brasileiro.

1 Virginie Linhart, nascida em 1966, na França, é doutora em filosofia política e uma importante documentarista de temas políticos, históricos e sociológicos. Além dos documentários, ela também produziu alguns livros, entre eles *Volontaires pour l'usine. Vies d'établis, 1967-1977* (1994), livro no qual procura retratar o movimento maoísta na França, sobretudo a parte do movimento que enviava intelectuais maoístas para o trabalho operário com o intuito de propagar o ideal revolucionário no próprio chão de fábrica.

Desse modo, como situava a origem da depressão do pai nos acontecimentos de 68, para tentar elaborar e dar um sentido ao silêncio paterno, Virginie começou entrevistando alguns dos companheiros de seu pai (segundo capítulo, intitulado *Reencontros*), entre eles Roland Castro, também militante de 68 e depois candidato à presidência em 2007. Entretanto, um encontro casual com Samuel Castro, filho de Roland, e com Lamiel Barret-Kriegel, outra filha de militantes de Maio de 68, provocou uma mudança significativa no rumo de suas investigações. Surpresa pelo fato de Samuel ser um médico neurologista, completamente avesso às questões políticas, e de Lamiel contar lembranças dolorosas relacionadas ao engajamento político dos pais, Virginie decidiu ouvir os filhos dos revolucionários, aqueles que eram crianças em 1968. Esse deslocamento do “eles”, os pais, para o “nós”, as crianças, dá título ao terceiro capítulo: *Eles e nós*. Tal deslocamento, no entanto, caracteriza outro livro. O que se encontra na sequência não é mais uma elaboração do silêncio do pai, mas do que foi a experiência de infância para os filhos dos revolucionários. Nesse sentido, o livro deveria ter outro título, pois o que foi dado, embora contemple o motivo disparador de sua escrita, não retrata aquilo que mais caracteriza a obra.

Mas esse deslize de modo algum compromete a qualidade do livro. A começar pelo método das entrevistas, que consiste basicamente em conversas informais, ora ocorridas em encontros fortuitos, ora com horário marcado. Há um pequeno trecho no qual Virginie define mais precisamente o método empregado: “eu não queria, sobretudo, uma

entrevista que tivesse valor de exaustividade ou pretensão sociológica. Eu operei sem cessar no modo de ricochete, de associação de ideias, das lembranças escondidas e de repente reaparecidas, do encontro inesperado” (p. 39). Diria, então, que é um método que possui muitas proximidades com o método psicanalítico, à medida que procura operar por associação de ideias e pelo despertar de lembranças recalçadas. E o que a autora encontra nos relatos fornece um material riquíssimo para psicanalistas, sociólogos, historiadores, cientistas políticos e todos os interessados nos efeitos culturais e subjetivos da revolução de Maio de 68. Tal material é organizado em alguns eixos temáticos que dão título aos capítulos subsequentes: *ausências; a culpa de; sobreviventes; vida em família; a política; depois; herança*. Somente o último capítulo, *hibernatus*, não é fruto desses relatos, mas, sim, da saída do pai de seu estado silencioso e do retorno de episódios delirantes.

Em meio aos depoimentos, ganha destaque o que se diz sobre os efeitos do engajamento político dos revolucionários em seus filhos. Alguns pontos prevalecem nos relatos. Um deles é a sensação de abandono e de necessidade de sobrevivência devido à ausência dos pais e ao excesso da política na vida familiar. Antes de tudo, havia a política e o desejo de revolução, ou seja, os filhos nunca estiveram em primeiro lugar na ordem das preocupações dos pais. Em virtude do ideal revolucionário de liberdade, defendia-se deliberadamente a recusa ao estabelecimento de regras ou normas – exceção feita à exigência de disciplina em relação ao estudo. Não havia, por exemplo, hora ou local pré-definidos para

as crianças dormirem. Do mesmo modo, não havia muitas normas ou limites para as experiências sexuais. Os pais não tinham a menor preocupação, por exemplo, em esconder dos filhos as relações extraconjugais.

Essa liberdade, contudo, não foi bem recebida pelos próprios filhos dos revolucionários. A ausência de normas e regras provocou intensa angústia para a maioria dos entrevistados. Posteriormente, na vida adulta, foi frequente a preocupação em educar os próprios filhos de maneira completamente diferente da que foram educados: havia um “*desejo desenfreado de normalidade*”. Para a maioria, a vivência dos ideais revolucionários dos pais levou, também, à recusa do próprio engajamento político: “os pais estiveram longe de fazer dos filhos indivíduos revolucionários”. Tais depoimentos podem, portanto, proporcionar um belo estudo psicanalítico sobre aquilo que Freud denomina, em *Romances familiares* (1909), conflito entre as gerações ou sobre a dialética da demanda e do desejo estabelecida por Lacan em seu quinto seminário (1957-58).

Vale ressaltar também outros pontos de maior interesse à comunidade psicanalítica. Interesse que vai muito além das curiosas referências a Lacan ou do depoimento de Ève Miller, neta de Lacan, filha de Judith Miller e Jacques-Alain Miller (que também foi um dos revolucionários de 68). Nos depoimentos são encontradas menções bastante interessantes sobre os efeitos provocados pela experiência de análise. Alguns dos depoentes falaram sobre a importância da análise na luta contra os fantasmas relacionados aos ideais revolucionários. A própria Virginie

também fala, mesmo que rapidamente, sobre os efeitos de sua análise. Ao contar a conversa que teve com Lamiel Barret-Kriegel, filha de Philippe Barret e Blandine Kriegel, ela diz: “*é finalmente em uma gargalhada que nós concordamos, Lamiel e eu, que milagre incrível é o de ter escapado da vida em comunidade! E também que nós devíamos um grande favor à análise: sem esses anos de divã, nós não estaríamos aí a nos contar tudo isso, entre o nervosismo e a risada, mas sem chorar. Sem chorar*” (p. 27). Em outro momento, Lamiel lhe diz: “*ao contrário de meus pais, eu me interesso pelas pessoas, pelos acontecimentos, muito mais ao sujeito do que ao objeto ou às ideias. Foi a análise que me autorizou isso*” (p. 108).

Outro depoimento muito interessante que toca nesse tema dos efeitos da análise é o de Roland Castro. Ao falar sobre Robert Linhart e seu trágico destino, Castro diz: “*aqueles que escolheram Lacan se libertaram; os que escolheram Althusser, não se libertaram verdadeiramente*”. Castro também passou por um grave período de depressão após o “fracasso” da Revolução de 1968. Inclusive, em outra entrevista², Castro contou que, em 1972, ouviu uma intervenção de Lacan numa assembleia de estudantes revolucionários que o perturbou bastante: “*a revolução é feita para manter a ordem*”, disse Lacan. Depois de escutar tal intervenção, Castro o procurou para fazer uma análise que perdurou sete anos, o que o ajudou, segundo suas próprias palavras, a se reconstituir.

2 Entrevista de Roland Castro para Fernando Eichenberg. Disponível em: <<http://historia.abril.com.br/politica/roland-castro-arquiteto-sonhos-435299.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2013.

Considero, enfim, que se trata de um livro muito relevante para a comunidade psicanalítica, em suma, pelos seguintes motivos: (1) por evidenciar o conflito entre as gerações e as respostas do sujeito diante da demanda e do desejo do Outro; (2) por trazer depoimentos bastante interessantes sobre os efeitos da experiência de análise de pessoas que não têm nenhum compromisso direto com qualquer instituição psicanalítica; e (3) por apontar uma relação muito importante entre a política e os efeitos de sua ideologia na construção de alguns fantasmas inconscientes. Recomendo, portanto, sua leitura.

Referência

Linhart, V. *Le jour où mon père s'est tu*. Paris: Seuil, 2008.

Recebido em 12/8/2011; Aprovado em 25/9/2011.